



IDENTIDADE, MEMÓRIA E O SAGRADO: O ENCONTRO DE BUMBA-MEU-BOI NO LARGO DE SÃO PEDRO EM SÃO LUÍS (MA)¹

Hemily Rodrigues Vale ²
Ariella Silva Fernandes Oliveira³
Isilainy Cristiny Silvino da Silva⁴
Matheus Sousa Barros⁵

RESUMO:

A presente pesquisa busca trazer uma discussão sobre a identidade e memória na celebração sagrado/profana do bumba-meu-boi do Maranhão, expressão da cultura popular que acontece anualmente no Largo de São Pedro, localizado no bairro da Madre Deus no centro de São Luís – MA. Fundamentado no entendimento da importância desta celebração como um forte símbolo da cultura popular maranhense e ludovicense, esta pesquisa busca propor uma discussão sobre como o encontro de Bumba-meu-Boi, celebrado anualmente no Largo da Capela de São Pedro, carrega em si parte importante da identidade cultural de diferentes grupos sociais do Maranhão e como em seu ritual onde o sagrado é emoldurado pelo profano, a representação da memória, individual e coletiva dos brincantes, seus ancestrais e seus territórios, sobrevivem através desta celebração, transformando o espaço do largo da capela em um lugar sagrado, de encontros e de memória.

ABSTRACT:

This research seeks to bring a discussion about identity and memory in the sacred/profane celebration of the bumba-meu-boi of Maranhão, an expression of popular culture that takes place annually in Largo de São Pedro, located in the Madre Deus neighborhood in downtown São Luís – MA. Based on the understanding of the importance of this celebration as a strong symbol of popular culture in Maranhão

¹ As discussões realizadas nesse trabalho são parte da pesquisa realizada no projeto de extensão “Memória, Paisagem e Cidade: mapas e trajetórias artísticas contemporâneas em São Luís- MA” produzida pelo Núcleo de Estudos Geográficos (NEGO - UFMA) no ano de 2019 e também da pesquisa de dissertação iniciada em 2020 desenvolvida no programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) com o fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

² Mestranda do Curso Geografia da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Bolsista a Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), mlyrodriguesvale@gmail.com;

³ Mestranda do Curso de Pós-Graduação de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - RS, ariellasilva@outlook.com;

⁴ Mestranda do Curso Geografia da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Bolsista a Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), isy.silvinno5@gmail.com

⁵ Mestrando em Geografia pelo Programa Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Campinas (IG/UNICAMP). Bolsista a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); matheusbarros04@gmail.com.



and Ludovicense, this research seeks to propose a discussion on how the meeting of Bumba-meu-Boi, held annually in Largo da Capela de São Pedro, carries an important part of it. Of the cultural identity of different social groups in Maranhão and as in its ritual where the sacred is framed by the profane, the representation of individual and collective memory of the players, their ancestors and their territories, survive through this celebration, transforming the space of Largo da chapel in a sacred place, of encounters and memory.

Palavras-chave: Bumba-meu-boi; Identidade; Memória; Sagrado e Profano.

INTRODUÇÃO (JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS)

A presente pesquisa busca trazer uma discussão sobre a identidade e memória na celebração sagrado/profana do bumba-meu-boi do Maranhão, expressão da cultura popular que acontece anualmente no Largo de São Pedro, localizado no bairro da Madre Deus no centro de São Luís – MA.

Optou-se pelo devido contexto socioespacial, na discussão a ser feita, por ser nele materializado, há mais de sessenta anos, um dos mais tradicionais festejos juninos do Maranhão. Sendo considerado um marco da cultura e religiosidade no estado, o festejo de São Pedro reúne todos os anos nos dias 28 e 29 de junho, aos “pés” da capela construída por pescadores em 1940, centenas de pessoas, devotos ou não, que frequentam o evento para prestigiar as dezenas de grupos de bumba-meu-boi, vindas de várias regiões do estado, que se revezam a noite inteira para homenagear e cumprir suas promessas a São Pedro, padroeiros dos pescadores.

A brincadeira, surgida de diversos cantos do estado, possui diferentes influências em suas diversas formas de festejar, cada grupo à sua maneira, levando em conta as tradições culturais de cada região, o que resulta numa diversidade de estilos e sotaques em relação a ritmo, coreografia, instrumentos, indumentárias e personagens que caracterizam cada um dos grupos de boi maranhense. Os sotaques mais conhecidos são os sotaques de matraca, zabumba, baixada, orquestra e costa-de-mão. Sendo a principal atração dos festejos juninos no Maranhão, a brincadeira se prolonga por um longo período de festa que, entre os ensaios, batizado, apresentações públicas e morte do boi, pode levar meses.

Fundamentado no entendimento da importância desta celebração como um forte símbolo da cultura popular maranhense e ludovicense, esta pesquisa busca propor uma discussão sobre como o encontro de Bumba-meu-Boi, celebrado anualmente no Largo da Capela de São Pedro, carrega em si parte importante da identidade cultural de diferentes grupos sociais do Maranhão e como em seu ritual onde o sagrado é emoldurado pelo profano, a representação da memória,



individual e coletiva dos brincantes, seus ancestrais e seus territórios, sobrevivem através desta celebração, transformando o espaço do largo da capela em um lugar sagrado, de encontros e de memória.

APORTE TEÓRICO

Para iniciar esta discussão faz-se necessário destacar que o Bumba-meu-boi é uma das mais ricas manifestações do folclore brasileiro. E entendemos aqui, o folclore, não de forma romântica como “pitoresco e autêntico”, mas sim em um entendimento de que este é um fenômeno complexo associado a um conjunto de práticas, costumes (SILVA, 2013), crenças, superstições, modos de ver e agir (GRAMSCI, 2004) dos grupos subalternos. Celebração múltipla que congrega diversos bens culturais associados, dividido entre o expressivo composto pela performance, as músicas e coreografias, e o material, composto pelo artesanato e confecção de instrumentos musicais artesanais, entre outros (IPHAN, 2019), o Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão foi inscrito no Livro de Registro de Celebrações do IPHAN, em 2011. Em 2019, a manifestação popular recebeu da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) o título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

A proposta a ser discutida entende que o bumba-meu-boi localiza-se em um tempo, espaço e lugar. E para tal discussão faz-se necessário considerar que o espaço é distinto de lugar. Como dito por Certeau (1998, p. 201-202):

“Um lugar é a ordem, (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência[...] o espaço é efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente dos programas conflituais ou de proximidade contratuais”.

O lugar, assim como o território, é simultaneamente uma materialidade e uma imaterialidade; é vivido e percebido; é a dimensão espacial do cotidiano (SANTOS, 2006). Ou seja, o espaço é um lugar praticado, mas não somente, é também a escala da totalidade do cotidiano. E o lugar, entendido como resultado de práticas cotidianas e de processos de identificação que os atores sociais possuem em relação aos espaços de sociabilidade e vivência cultural, funciona como suporte da memória coletiva e da identidade social (HALBWACHS, 1990).



Estudar uma manifestação cultural é compreender novas maneiras de pensar a cultura, pois as manifestações são expressões da cultura e história local, assim como formas de pensar de um povo.

Geertz (1978) cita que a sociedade está em constante mutação e evolução, a cultura se origina da relação entre caráter social e psicológico de cada ser humano. O individual e o todo se completam criando uma simbologia única, lida e vivenciada pelo homem no seu tempo. A cultura está em constante mudança sempre de acordo com seu tempo e contexto. A mesma também pode ser analisada pela ótica das representações e práticas que a formam. Chartier (1988) explica que a cultura é transmitida para cada indivíduo que a interpreta de acordo com sua visão de mundo individual.

Por meio da história construída por sujeitos anônimos que formam a sociedade é formado o cotidiano, participando das convenções sociais. Através do cotidiano e das práticas culturais que são formadas as identidades culturais, expressadas e presentes nas festas, tradições, entre outros elementos. A memória é um elemento importante para a preservação da cultura, é através da memória que se mantém viva as tradições de um povo.

Halbwachs (1990) explica que a memória pode ser dividida em duas interpretações: memória individual e memória coletiva. As duas relacionam-se e modificam-se, sendo a memória individual é a qual todo indivíduo possui e a memória coletiva se constrói a partir da união entre o individual e o coletivo, portanto a memória é lida individualmente a partir de um entendimento originado do coletivo. Fortalecendo essa ideia, Ecléa Bosi diz que a memória é como uma colcha de retalhos, fragmentada e combinada através da consciência individual, a memória é sim um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, contado pela cultura e pelo indivíduo (BOSI, 2003).

Portanto, a celebração do bumba-meu-boi, uma das mais expressivas representações da cultura popular é memória, que existe por que os grupos existem, orgânica, individual e coletivamente, sendo um fenômeno que une o presente e o eterno (NORA, 1993), praticada, contada e cantada através da brincadeira, dos brincantes e toadores, memória celebrada esta, materializa em seus territórios de origem ou em outros lugares que para estes carregam uma importância simbólica e sagrada, como a exemplo no caso deste estudo, o Largo da Capela de São Pedro. Sendo a memória de resgate da trajetória e costumes dos povos da região em seus territórios ao longo dos períodos marcados pela escravidão e conflitos do passado e presente, é uma memória que se constitui como elemento fundamental da construção identitária de diversos



grupos sociais maranhenses, pois como entendido por Pollak (1989), as identidades se constroem a partir de visões do passado, que funcionam como pontos de referência para determinados grupos e fornecem coerência, no tempo, a seus quadros de representação simbólica. “Essa memória, que define identidade é uma memória que, também, ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais” (POLLAK, 1989).

O sagrado e o profano do bumba-meu-boi no seu lugar de origem são rituais que transpõem o espaço, por lendas e mitos que lhe dão substância narrativa e um lugar no social, o folguedo organiza-se no tempo sagrado (MARQUES, 1999). Há o tempo dos ensaios, o tempo do batismo, o tempo de brincar e o tempo da morte. A relação do bumba-meu-boi com a religião é conhecida, embora seja, o festejo, considerado também profano devido não só ao espetáculo, parte da brincadeira que se estende no cortejo nos arredores da capela, mas também através das toadas, nas quais fica evidente a recorrência do sagrado e do profano, uma vez que se imbricam e se definem, quando ao mesmo tempo que contam a história de seu povo, expressam por meio delas os seus louvores aos santos. Mais do que festa é um compromisso sagrado com os santos, seja São João, São Marçal, Santo Antônio ou São Pedro, pois muitos grupos de boi nasceram de uma promessa feita a estes Santos por seus fundadores em momentos de aflição. No Largo de São Pedro, o festejo acontece há 79 anos como tradição de pagamento de promessa ao santo. Sobre essa relação que se constrói entre os brincantes, o boi, o pagamento de promessas e até o toque no boi para receber bênçãos, como um costume, Ferreira e Silva (2008) concluem que o boi acaba revestido de uma característica sobrenatural, um portador das oferendas da comunidade a Deus.

METODOLOGIA

Como parte de investigações mais amplas, os procedimentos metodológicos aqui adquirem viés exploratório, pois, contribuem na ampliação do conhecimento a respeito do objeto de estudo desenvolvido (PIOVESAN; TEMPORINI, 1995).

Assim, para as informações fornecidas neste artigo, foi realizada extensa revisão bibliográfica nos acervos da Universidade Federal do Maranhão, Universidade Estadual de Campinas, banco de dados do Núcleo de Estudos Geográficos e acervo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) que reúnem artigos, dissertações, livros e reportagens, sobre as temáticas centrais aqui tratadas, assim como coleta de dados produzidas durante o último festejo (ano de 2019) através de visitas a campo, de registros fotográficos e



entrevistas, a fim de entender as dinâmicas sociais produzidas na celebração do festejo que aqui serão trabalhadas.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES

□ Um breve histórico sobre o Bumba-meu-Boi

O Bumba-meu-boi no Maranhão sempre foi mais do que festa ou espetáculo, ele é festa, é promessa, é reverência aos mortos e às entidades espirituais (SILVA, 2013). É um dos mais fantásticos símbolos de representação da história, dos mitos, da religião, memória, pertencimento e identidade dos maranhenses e ludovicenses.

Não se sabe ao certo a origem de sua história, sendo uma manifestação cultural baseada em tradições e oralidade, surgida nas fazendas de gado no meio rural maranhense o que se pode dizer é que sua origem tem forte influência africana, indígena e europeia. Como dito por SILVA (2021. P. 93.):

No bumba-meu-boi assim como em centenas de outras manifestações culturais o mosaico material e imaterial que envolve as práticas apontam indícios de uma complexa trajetória de integração entre das sociedades que habitavam a ilha de UpaonAçu (Tupinambá) antes da chegada dos europeus (1612) e os que aqui chegaram tendo forte influência das tradições percussivas africanas.

Os primeiros registros publicados sobre o folguedo, no Maranhão, datam do começo do século XIX, mas já existiam relatos históricos da sua presença em outras regiões do Brasil, no período da escravidão, colonialismo, que datam do século XVII e XVIII (PINHO, 2012).

Segundo relatos do “Dossiê de Registro do Complexo Cultural de Bumba-meu-Boi do Maranhão” o Bumba-meu-boi tem seu primeiro registro publicado em uma pequena nota no jornal “Farol Maranhense”, no Maranhão, em 1829. (IPHAN, 2011).

Apesar de receber diversas influências em sua origem, em São Luís, atentando-se aos relatos que se tem sobre o folguedo e as proibições de suas apresentações ao longo das décadas, pois nem sempre o bumba-meu-boi foi visto como representação de tradições e portanto digna de ser apreciada, leva-nos a supor que o bumba-boi tem sua origem nas classes mais excluídas, sendo uma brincadeira de pretos e pobres, como dito por Pinho (2012): “*houve tempo em que era considerada brincadeira de pretos, gente da ralé*”. Nas décadas de 1830 e 1840, a brincadeira era proibida no centro histórico da cidade de São Luís, por ser a região mais nobre



na época, onde habitavam várias famílias da elite ludovicense e para estes a brincadeira era vista como uma desordem social, como cita Lima (2014. P. 6):

Os ensaios e a festividade do Bumba meu boi poderiam ser autorizadas desde que, não causassem nenhum incômodo às famílias, pois, na visão das autoridades policiais e dessas elites, o brinquedo só serviria para congregar gente desordeira e escravos que fugiam de seus afazeres. Essas autoridades públicas trabalharam no intuito de reprimir essas manifestações tentando normatizar, fiscalizar e controlar essas folganças, embora como tenha constatado Correia, as práticas dos agentes do policiamento “apontam mais para um apego aos “usos reprovados” do que para a integral defesa de uma ordem que se anuncia”.

Entretanto, sempre que acontecia havia reclamação das famílias, e forte aparato policial sempre era usado como forma de repressão em diversos cantos do centro. Assim vários grupos de boi acabaram se organizando em bairros mais distantes do centro, ou em seus arredores onde hoje se encontram os grupos mais tradicionais como boi de Pindaré, Boi de Leonardo, Boi de Laurentino, dentre outros, que contam, de seus brincantes a seus produtores, com a comunidade negra majoritariamente, com pescadores, trabalhadores rurais, trabalhadores da construção civil, funcionários públicos, ou seja, a população mais pobre como seus integrantes. Trazer esse contexto histórico, para nós, torna-se importante para evidenciar, que mais do que uma representação romântica da identidade cultural ludovicense, o bumba-meu-boi é memória viva de resistência a discriminação e ao preconceito, que se faz presente nas paisagens e comunidades que ainda resistem em meio aos centros urbanos como suporte de uma ancestralidade ainda viva, trazida do campo para a cidade e que portanto torna o seu lugar no social, um “espaço de luta”.

Para que haja um entendimento da importância e dimensão desta manifestação popular, importa-nos, também, citar de forma breve a diversidade de sotaques de boi que há na manifestação do boi maranhense e o calendário festivo da brincadeira, quando começa, suas preparações, processos e apresentação.

Primeiramente torna-se importante destacar que há dois tipos de bois que possuem diferentes vínculos de identidade e simbologia na cultura, estes são os bois de promessa e bois de terreiro. Os de promessa são os originados de uma promessa a um santo protetor de festejos juninos, como a exemplo deste estudo, São Pedro, mas também podem ser a São João ou São Marçal. Os de terreiro são os grupos de boi que foram originados de pedidos feitos por entidades espirituais aos festeiros organizadores do boi. Pinho (2012. P. 19.) cita que:

Para ambos, um grupo de boi só é permitido sair para as apresentações somente após cumprir todos os rituais de proteção, somente a partir desse momento o objeto passa



a ser um ser iluminado e abençoado, devendo voltar ao seu espaço privado quando se encerra o período de festa.

Quer seja de promessa ou de terreiro, o vínculo identitário e sagrado, são fatores extremamente relevantes para que haja o envolvimento comunitário, e um respeito a tradição e a memória coletiva que anualmente se fortalece entre a comunidade e seus brincantes seja no seu espaço privado de construção ou no espaço público onde se apresentam.

O bumba-meu-boi tem como característica a diversidade de estilos. Os sotaques do boi seriam formas diferentes de apresentação e expressão, assim como outras maneiras de se relacionar com a religião. Cada sotaque possui suas particularidades como instrumentos, toadas próprias (música), coreografia, roupas, etc. É válido ressaltar que a diferença de sotaques foi notada a partir do momento em que surgiram de diferentes partes do estado novas formas de fazer um sotaque e de brincar o bumba-meu-boi. Citando Martins (2015. P. 45):

“Sotaque” significa, grosso modo, uma pronúncia típica de uma região, local, cidade, país. E, geralmente, só percebemos que os sotaques existem quando nos deparamos com uma pessoa que é de outro local ou região e que fala e se expressa de uma maneira diferente da qual nós falamos e nos expressamos verbalmente. Talvez pudéssemos afirmar que o sotaque é um marcador de diferenças, através do qual é possível identificar a região de onde a outra pessoa vem.

Assim, atualmente é possível identificar quatro sotaques/estilos na ilha. O sotaque de Matraca que possui influência indígena, e é considerado um dos mais tradicionais e alguns folcloristas consideravam o mais bonito e autêntico, o Sotaque de Zabumba e Costa-de-mão com influência africana e o sotaque de Orquestra com influência europeia sendo o sotaque que mais cresce em São Luís segundo o dossiê de bumba meu boi.

Os preparativos para a época junina acontecem desde o começo do ano com a arrumação das sedes dos grupos, confecção de indumentárias e os novos integrantes dos cordões. Nos sábados de Aleluia começam os ensaios em que os brincantes treinam suas coreografias e os toadores apresentam as toadas que serão cantadas no próximo festejo de São João. Além dos brincantes, durante todo o tempo de ensaio muitas pessoas das próprias comunidades de origem dos bois costumam acompanhar esse processo que dura até começar a temporada junina, que tem início na véspera do dia 24 de junho quando ocorre o batismo dos bois. São escolhidos padrinhos que serão os responsáveis por abençoar o Boi durante toda a temporada, este dia costuma marcar o início das apresentações. Estas apresentações ocorrem nos arraiais comunitários e em casa de simpatizantes e brincantes de boi, essas apresentações se estendem por todo o mês junino.



Durante os três meses seguintes, variando de acordo com cada grupo de boi, ocorre o ritual conhecido como a morte do boi, que marca o fim do calendário do boi, para no ano seguinte seguir em um novo ciclo.

Há dois momentos em datas distintas que são essenciais e marcantes durante o mês junino em que se observa a maior concentração de bois, brincantes e apreciadores em um mesmo espaço, momentos simbólicos primordiais na expressão da devoção ao sagrado, parte essencial desta expressão popular que são a festa em homenagem a São Pedro e a festa em homenagem a São Marçal. A festa em homenagem à São Marçal, um dos santos padroeiros dos bois. Acontecimento espacializado no bairro do João Paulo, esta festa acontece nos dias 30 de junho, sendo um forte símbolo de resistência da brincadeira na ilha, reúne os bois de sotaque da ilha/matraca que homenageiam o santo padroeiro. Como melhor explicado por Martins (2015. P. 17):

Segundo o historiador Antônio Barros, esta festa teria se iniciado quando um morador deste bairro teria feito um pedido aos comerciantes para que contratassem grupos de bumba-boi para se apresentar no local no dia de São Marçal. Importante ressaltar que o bairro consistia num dos limites aos quais eram impostos os grupos de bumba-boi, que não podiam adentrar no centro da cidade até, pelo menos a década de 1950. Esta festa hoje, pode-se dizer, representa a resistência dos brincantes de bumba-boi frente a estas proibições do passado. A festa de São Marçal marca o final da temporada junina, porém o calendário festivo do boi ainda não é finalizado.

Entretanto, em um dia anterior, no dia 29 de junho acontece o festejo de São Pedro, que é o dia marcado por não somente a homenagem ao santo, mas o dia de agradecimento pelo período festivo e o pedido de bênçãos ao santo para que ocorra tudo bem no próximo festejo, e é sobre este momento da festa que discorreremos a seguir, e sobre o qual esta pesquisa baseia sua discussão.

O FESTEJO NO LARGO DE SÃO PEDRO

As atividades religiosas na Igreja de São Pedro começam em 1940, antes mesmo da primeira capela de alvenaria ser edificada em 1949. Nesta época, segundo o jornalista Herbert Santos “havia, inclusive, atrações que não temos hoje, quanto leilão de prendas, queima de fogos mais bonitos, quanto os da imagem de São Pedro, e a ronqueira, um artefato de madeira e um pequeno canhão, que detonava bucha e pólvora para o Rio Bacanga, e batizados” (O IMPARCIAL, 2019). A história de seu início, assim como a do boi, tem base na oralidade, há poucas pesquisas sobre a origem deste festejo. Há relatos de que o festejo data de 1939 e acontecia inicialmente no bairro do Desterro, depois passou a acontecer no bairro da Madre Deus, no antigo ponto de encontro dos pescadores, onde às margens da antiga praia da Madre



Deus, pescadores e moradores da comunidade bradavam ladainhas e rezas por horas a São Pedro antes da próxima pescaria, quando a maré enchia percorriam trechos pelas águas em respeito e agradecimento ao Santo padroeiro.

Em 1944, quando a capela de Alvenaria (Imagem I) foi erguida com o apoio de políticos devotos da época, o festejo passou a ser concentrado no Largo.

Imagem I - A antiga capela de São Pedro (1994)



Fonte: Jornal O Imparcial, 2019.

Os grupos de boi “Boi do Matadouro” (Atualmente conhecido como Boi de Leonardo), “Boi de Laurentino” (boi da Fé em Deus) e “Boi do Mizico” (da Vila Passos) foram os bois precursores da tradição do festejo na capela de São Pedro. Como dito por Herbert Santos “estes grupos foram os primeiros a destinar de forma clara, as homenagens para São Pedro, que se tem informações” (O IMPARCIAL, 2019.).

O Festejo acontece todos os anos do dia 28 para 29 do mês junino, reunindo centenas de pessoas entre curiosos, devotos e brincantes. Sendo uma das atrações de encerramento do período, é o momento de encontro dos bois que vêm diretamente dos diversos arraiais que acontecem pela cidade e entorno. Não há uma hora exata pra começar, pois sendo uma manifestação espontânea dos grupos, dispensa uma pré-organização. Iniciando geralmente por volta das 22h do dia 28, estende-se enquanto os bois vão chegando.

Imagem II – A Capela de São Pedro durante o festejo.



Foto: Karlos Gerômy

Assim que os bois chegam começam suas apresentações, que inicialmente ocorre no largo, fora da capela, onde os grupos começam a brincadeira, depois seguem pela escadaria, para o momento da “alvorada dos bois”, momento em que a capela é visitada pelos bois com suas toadas e batuques exibindo a dança dos brincantes com suas indumentárias e adereços.

A capela possui três entradas permitindo assim o acesso de vários grupos de boi ao mesmo tempo. Lá dentro do templo eles bradam ladainhas de agradecimento ao santo pelo sucesso do último festejo, pedem bênção, fazem novas promessas para o próximo, e homenageiam o santo pescador com uma profusão de sons dos pandeiros, das matracas, maracás e tambores entre outros instrumentos dos diversos estilos.

Imagem III – Alvorada dos grupos de Bumba Meu Boi dentro da capela de São Pedro, momento de agradecimento, pagamento de promessas e pedidos de bênçãos.



Fonte: Acervo do Núcleo de Pesquisa e Estudos Geográficos (NEGO), 2019.

É nesse momento que a memória se faz presente e a história desses povos é transmitida pelos cantadores, como dito por Silva, 2021 “A ancestralidade ecoa em toadas/poesias, matracas, pandeirões e outros diversos elementos milenares culturais de povos que ainda ocupam espaços milenares cientificamente comprovados pela historiografia”.

Muitos brincantes e devotos, como pagamento de promessas feitas a São Pedro, sobem a escadaria da igreja de joelhos, como dito por Sr. José Eudes Firmino, de 62 anos, ao Jornal O Imparcial (2016) “É o nosso momento de agradecer por mais uma boa temporada e pedir que no ano seguinte seja melhor”.

A maioria dos bois nascem em espaços onde o catolicismo popular é predominantemente vivenciado, por isso há os bois que nascem em referência a São João, mas há também os bois de terreiro que nascem de pedidos e oferendas a distintas entidades espirituais dos cultos afro maranhenses, Sérgio Ferretti (1996) destaca que muitas entidades cultuadas no Tambor de Mina gostam do Bumba-meu-boi e pedem, à organização da casa, uma festa de Boi em sua homenagem, como a exemplo os bois que nascem na Casa das Minas, casa de Tambor de Minas localizada no bairro do Desterro, próximo a capela de São Pedro. Muitos grupos de boi que nascem nos terreiros não são apresentados à comunidade, entretanto, paralelo à alvorada dos bois na capela de São Pedro, na madrugada do dia 29 vários desses bois se apresentam à



comunidade na frente da casa a pedido dos encantados. A versão do encantado João da Mata, citada por Ferretti (2001), explica a relação da encantaria com a brincadeira: “O boi é uma obrigação que faz todos os anos com o santo que pertence à origem e às correntes do boi (São João?). Então nós vem, quando faz o batuque nós vem dançar ele. Aí o povo vai e ‘tira’ pra mim e eu ‘tiro’ também, é a mesma coisa com Seu Légua”.

Voltando a Alvorada dos bois no Largo, em paralelo, pela referência a comunidade pesqueira o festejo segue pelas ruas do centro, carregando a imagem do santo, para a procissão marítima, no qual alguns bois seguem acompanhando mas a maioria dos presentes na procissão são curiosos do evento, pescadores e devotos do Santo. A procissão que antes iniciava-se no antigo cais da praia da Madre Deus, com a inauguração da Barragem do Bacanga em meados de 1970 passou então a ter o itinerário como ponto de partida a maré alta do Jenipapeiro, e hoje o ponto de partida é o cais da praia grande. A festa se encerra com a volta da procissão por terra até a capela de São Pedro novamente e finalizada com uma missa campal.

Imagem IV – Procissão Terrestre no ano 2019



Fonte: Acervo do Núcleo de Pesquisa e Estudos Geográficos (NEGO), 2019.

Imagem V – Procissão Marítima no ano 2019



Fonte: Acervo do Núcleo de Pesquisa e Estudos Geográficos (NEGO)

Assim a festa em homenagem a São Pedro termina, enlaçando as tradições e o sagrado através da festa e diversos ritos associados, como as novenas, as missas, “Alvorada dos Bois” e procissões marítimas e terrestres. A “Alvorada dos Bois” ao reunir o sagrado, momento da pagamento de promessas, apresentação aos encantados, pedido de bênçãos ao santo, e o profano, momento de espetáculo da festa, configura o espaço da capela como lugar não só da religiosidade popular como também um espaço de permanência das práticas e expressões estéticas históricas ligadas às tradições da cultura popular e a memória coletiva dos diferentes povos que habitam o maranhão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resultando de uma investigação mais ampla, parte de uma pesquisa ainda em andamento, este artigo não propõe trazer resultados finais, mas sim, através de revisão bibliográfica e registros de campo, trazer à luz, o entendimento de como o festejo citado promove uma dinâmica única ao lugar, propiciando o surgimento de novas territorialidades no tempo e no espaço, passando não só por um legado cultural e identitário, mas também pela sacralidade e a construção do profano surgida das diversas territorialidades que nascem pela ocasião da festividade, fornecendo assim novas compreensões geográficas e culturais. Pois como dito por Santos (2006. P. 213.):

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.

O festejo de São Pedro é portanto, entendido como importante representativo das manifestações populares maranhenses, pois constituído como meio de transmissão de conhecimentos e saberes históricos culturais torna-se uma representação das práticas cotidianas, das tradições, religiosidade e vivências coletivas, integrando um conjunto de referências que permitem às comunidades torná-la significativa. Importante símbolo da identidade das comunidades ludovicenses, o boi cria esse sentimento de pertencimento e identidade, ao povo ludovicense, a partir das relações sociais dos sujeitos com os símbolos, os sentidos, o sagrado da festa que são nutrientes da cultura onde esses diversos elementos agem como gatilho da memória possibilitando o transporte para um lugar, espaço e tempo observado o indivíduo ou grupo que passa a identificar-se e ver-se no conjunto da própria apresentação (POLLAK, 1992).

Nesse entendimento, o festejo de bumba-meu-boi no largo de São Pedro é um lugar de memória, pois sendo resultado de práticas sociais, a manifestação constitui-se como espaço de sociabilidade, de afirmação de identidade e sentimento de territorialidade, sendo assim um suporte da memória coletiva e identidade social.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. SP: Ateliê editorial, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. 3º ed. Editora Vozes, Petrópolis, 1998. In: L'invention du Quotidien – 1ª. Arts de faire. Tradução autorizada pelo Editor. Editions Gallimard, 1990.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa, Difel, 1988.

Dossiê do Registro do Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão. São Luís: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2011. In Site: www.iphan.gov.br

FERREIRA, Carla George Silva; SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. **Festejar com fé: o bumba-meu-boi maranhense uma cumplicidade com São João**. Trabalho apresentado no V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil. 2008. Disponível em: <www.revistabrasileiradocaribe.org/ CarlaFerreiraCarlosSilva>. Acesso em: 07/06/2009.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. **Brinquedo de Santa Bárbara**. In: Encantaria de “Barba Soeira”. Codó, capital da magia negra? São Paulo: Editora Siciliano, 2001. Capítulo 4. p. 134.



FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Elementos da teogonia: os voduns e seus filhos.** In: Querebentã de Zomadonu. Etnografia da Casa das Minas do Maranhão. 2ª ed. rev. atual. São Luís: Edufma, 1996. p. 89-115.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004a. v. 1.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva.** Trad. De Laurent Léon Schaffer. São Paulo Vértica/Revista dos Tribunaiss, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

LIMA, Marcos Melo de. **“O Bumba meu Boi já vai abusado”: um divertimento “perigoso” na São Luís oitocentista.** Revista Tempo Amazônico. ISSN 2357-7274 | V. 1 | N.2 | janeiro/junho de 2014.

MARQUES, Francisca Ester de Sá. **Mídia e experiência estética na cultura popular: o caso do bumba-meu-boi.** São Luís: Imprensa Universitária, 1999.

MARTINS, Carolina Christiane de Souza. **Política e Cultura na História do Bumba meu Boi: São Luís do Maranhão- século XX.** Niterói, 2015.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História – A Problemática dos Lugares.** Proj. História, São Paulo, 1993. In: Les heux de mémoire: I La République, Paris, Galimard, 1984, pp. XVIII – XLII. Tradução autorizada pelo Editor. Editions Gallimard, 1984.

PINHO, Jessenice Melo Araújo. **A festa do bumba-meu-boi no Maranhão: desafios entre a tradição e a inovação/** Jessenice Melo Araújo Pinho – São Paulo, 2012. 36p.

PIOVESAN A., TEMPORINI E. R. **Pesquisa exploratória: Procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública.** Revista Saúde Pública. 29(4), 318 – 325. 1995.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** Tradução Monique Augras. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção /** Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1).

SILVA, Gisélia Castro. **Cultura Popular e Poder Político – Contradições e tensões no bumba meu boi do Maranhão.** EDUFMA, São Luís, 2013.

SILVA, Marcos Tadeu Nascimento da. **Educação patrimonial: Arqueologia no ensino da História Antiga de Upaon Açú (São Luís – MA) /** Marcos Tadeu Nascimento da Silva. – São Luís, 2021. 100 f.

Jornal **O IMPARCIAL.** Disponível em: <
<https://oimparcial.com.br/cidades/2016/06/tradicao-e-devocao-marcam-o-dia-de-sao-pedro/>>. Acesso: 16.nov.2021.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
GEOGRAFIA



Portal **Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)**. Disponível em:
<<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/80#:~:text=O%20Bumba%20meu%20boi%20do,b oi%2C%20confec%C3%A7%C3%A3o%20de%20instrumentos%20musicais/>>. Acesso: 16.nov.2021.